

**Análise do projeto político pedagógico do curso de Pedagogia/Pontal/UFU:
fundamentos éticos freireanos para a formação humanizadora****Analysis of the political pedagogical project of the Pedagogy/Pontal/UFU
course: Freirean ethical foundations for humanizing training**

Lúcia Helena Moreira de Medeiros Oliveira¹
Maria Aparecida Augusto Satto Vilela²
Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro³

138

Resumo: Este texto tem como objetivo tratar sobre a formação inicial do curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, a partir da análise da nova versão do Projeto Político Pedagógico (PPP) que passou a vigorar em 2019. A pesquisa documental realizada possibilitou verificar que, no referido curso, procura-se formar a/o estudante a partir de uma experiência pedagógica mais ampliada e transformadora; tratar as questões relacionadas às diferenças culturais no cotidiano escolar para o enfrentamento e o embate contra a desigualdade social; e propõe-se diversas experiências formativas à/ao futura/o pedagoga/o.

Palavras-chave: Pedagogia. Projeto Político Pedagógico. Princípios e fundamentos freireanos.

¹Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - Faculdade de Educação. Professora do curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. lucia.medeiros@ufu.br

² Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade. Professora do curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. cidasattoo@gmail.com

³ Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1997), Pós-Doutorado em Psiquiatria, Neurologia e Psicologia Médica (2000) pela USP-Ribeirão Preto e Pós-Doutorado em Educação (2019) pela Universidade de Uberaba. Professora do curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. laterzaribeiro@uol.com.br

Recebido em 21/11/2020

Aprovado em 30/11/2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review



Abstract : This text aims to address the initial training of the Pedagogy course, at the Pontal Institute of Human Sciences - ICHPO, at the Federal University of Uberlândia - UFU, from the analysis of the new version of the Pedagogical Political Project (PPP) that came into effect in 2019. The documentary research carried out made it possible to verify that, in that course, the aim is to train the student from a broader and more transformative pedagogical experience; to address issues related to cultural differences in everyday school life in order to face and fight against social inequality; and several formative experiences are proposed for the future pedagogue.

Keywords: Pedagogy. Political Pedagogical Project. Freirean principles and foundations.

1 Introdução

Ao vislumbrar o Brasil do presente, compreendemos que muitos dos problemas que permeavam a reflexão pedagógica e educacional de Paulo Freire são atuais e marcantes em 2021. Exemplo claro é a figura da professora e do professor que, nos últimos cinco anos principalmente, tem sido tão menosprezada, constrangida, agredida, como se não precisassem mais de educadoras e educadores como profissão-chave da vida em sociedade e para a sociedade.

Como sintoma desse estado de coisas, de inautenticidade, de silenciamento da profissão docente criou-se um cenário de repressão e vigilância que só somos capazes de ver em momentos como este: um tempo presente que exige luta da professora e do professor, mas que, muitas vezes, nos paralisa com tanto luto. É dolorosa a constatação do grau de desumanização, de banalização da morte e de desprezo pela vida com o qual temos de lidar no dia a dia, uns mais, outros menos. É como se a pandemia do coronavírus tivesse vindo para nos fazer refletir sobre nossa condição de ser humano e sobre o processo de desumanização, da falta de cuidado, da nossa despreocupação com o mundo, com o outro e conosco mesmos.

Assim, estamos sendo convocados ou chamados à “[...] vocação maior dos homens, que é o anseio da liberdade, da justiça, da luta pela recuperação de sua humanidade” (FREIRE, 1987, p.16). Nessa perspectiva, compreendemos que a dialogicidade, ou seja, a essência da educação como prática da liberdade, uma educação que desaliena, que desenvolva o “ser mais” em que cada um/a é o que possibilita sair do contexto vivido, de censura, negacionismo, anticientificismo, racismo, homofobia, dentre outros modos de inferiorizar muitos seres humanos.

Nesse contexto, identificamos a necessidade de tratar sobre a formação inicial do curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Humanas do Pontal - ICHPO, da Universidade

Federal de Uberlândia - UFU, a partir da análise da nova versão do Projeto Político Pedagógico (PPP)⁴ que passou a vigorar em 2019. Com base nesse objetivo geral, temos como objetivos específicos: refletir sobre alguns fundamentos e princípios éticos freireanos; e analisar a proposta do curso e a realidade vivenciada, nesse período inicial de implementação do novo PPP.

Nessa direção, realizamos uma pesquisa documental que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p.55), “baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”, considerando-se alguns procedimentos metodológicos para a obtenção dos dados: 1) levantamento do que o PPP do curso de Pedagogia/Pontal assinala para a formação inicial, considerando-se a organização de seus componentes curriculares; e 2) a identificação do que propõe cada Ciclo de Formação. Esse mapeamento possibilitou verificar que o referido projeto tem como base formativa os fundamentos teóricos freireanos, em uma perspectiva dialógica⁵ que propõe formar o gestor e a gestora, o educador e a educadora em espaços não formais e, de modo específico, o professor e a professora que atuarão em sala de aula. O currículo foi organizado para que as estudantes e os estudantes se percebam em seu processo de formação e construção humana e profissional, de modo que possam entender também o inacabamento de suas futuras e futuros estudantes, assim como a multiplicidade de características que as/os compõem.

Com esse intuito, precisamos desenvolver uma formação inicial que possibilite à/ao discente de Pedagogia construir-se ética e moralmente, valorizando os princípios de justiça social contribuindo assim, com uma sociedade mais humana, solidária, inclusiva e consciente. Considerando-se essas reflexões iniciais, estruturamos nosso texto em quatro partes, incluindo-se esta Introdução. Na próxima sessão, tratamos sobre fundamentos e princípios éticos freireanos imprescindíveis para uma formação inicial mais humanizadora. Posteriormente, realizamos uma análise do PPP do curso de Pedagogia/Pontal, em específico, por meio dos seus três ciclos de formação: Ciclo 1 “Pessoas fazedoras de história”; Ciclo 2 - “Diálogos interculturais” e Ciclo 3 - “Práxis transformadora”. E, por fim, as Considerações finais, que sintetizam as principais contribuições deste trabalho.

⁴ O uso do termo “político” no nome foi/é uma tomada de posição do grupo de professoras e professores do curso de Pedagogia, tendo em vista entender, assim como Freire (1992), que nossa atuação não é neutra, e assumimos a defesa de uma educação humanizadora, ética e que considere e atenda às diferenças humanas.

⁵ Destacamos que o PPP anterior, que foi implementado em 2007, com o início do curso de Pedagogia da UFU, em Ituiutaba, já se organizava pelos pressupostos teóricos freireanos.

2 Fundamentos e princípios éticos freireanos

Escrever sobre o pensamento de Paulo Freire é tarefa difícil e complexa. Há muito o que se compreender do mestre e de suas obras que continua a nos desafiar como educadoras/es, assim como incomodar a muitas/os, principalmente as/os opressoras/es. Toda vez que relemos o pensamento de Freire — como a sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que consideramos central em seu legado educacional —, percebemos como a obra nos inquieta, nos tira das certezas, porque nos leva a fazer novas perguntas, a questionar o que fazemos como educadoras/es para que a educação cumpra seu papel na sociedade: possibilitar à/ao outra/o se transformar como ser humano para que possa transformar o mundo ao redor em função de suas demandas.

Para tanto, é sobrestante refletir sobre os fundamentos e os princípios éticos freireanos que sustentam uma concepção de educação progressista, em uma relação dialógica de construção do conhecimento. O primeiro deles é a compreensão de que o processo educativo tem um caráter político que precisa ser identificado, ou seja, “não há nem jamais houve prática educativa em espaço e tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com idéias preponderantemente abstratas e intocáveis.” (FREIRE, 1992, p.78). No pensamento de Freire, o uso político da palavra - político com o sentido de *polis*, ou seja, de debate - deveria ser direito de todas/os, e não privilégio de poucas/os, como tem sido e como muitos defendem que tem de ser. Nesse sentido, é necessário entender que toda ação educacional tem uma intencionalidade que precisa ser desvelada, uma vez que é importante analisar sua origem e seus desdobramentos. Esta pode se fundamentar na defesa de uma educação transformadora ou mantenedora das condições sociais de opressão da população menos favorecida socioeconomicamente.

Um princípio importante na reflexão freireana apresenta-se como um conceito, talvez ainda abstrato na sociedade em que vivemos, porém, é necessário persegui-lo: a ética nas relações humanas sob a forma de respeito com a/o outra/o. “O que sobretudo me move a ser ético é saber que, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política, eu devo, sem jamais negar o meu sonho ou minha utopia aos educandos, respeitá-los.” (FREIRE, 1992, p.78). Sendo assim, a construção ética da/o professora/or ocorre em suas vivências educacionais, pois apenas a capacidade técnica não possibilita que se humanize na docência. Ao fundamentar-se em uma ética que considera a todas/os, torna-se também exemplo de comportamento para as/os discentes. (VILELA; MEDEIROS, 2012)

A democracia, na vivência e na concepção freireana, sustenta a base da educação libertadora. “Minha questão não é negar a politicidade e a diretividade da educação, tarefa de resto impossível de ser convertida em ato, mas, assumindo-as, viver plenamente a coerência entre a minha opção democrática e a minha prática educativa, igualmente democrática.” (FREIRE, 1992, p.79). Conforme destaca Freire (1992), a democracia não se faz apenas no verbalismo, na defesa inócua, vazia, é imprescindível uma atuação nesse sentido, de vivência democrática. A denúncia feita revela a incoerência entre o discurso e a atitude de muitas/os educadoras/es, principalmente em suas práticas pedagógicas, tendo em vista que afirmam considerar as histórias de vida e as demandas das/os educandos/as, mas isso não ocorre de fato.

Por que uma educação voltada para o diálogo como fenômeno humano? Porque Paulo Freire traz o diálogo na perspectiva de uma práxis, ou seja, de transformar o mundo de forma autêntica, respeitando as diferenças de ideias e posições. “Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente.” (FREIRE, 1996, p.153). Por isso, devemos reafirmar: o diálogo se faz ponto essencial para o processo de libertação e humanização, segundo o pensamento de Freire, evidenciando sua relevância para uma educação progressista em oposição à ideia de educação como transmissão de conhecimentos. Nesta perspectiva, a/o estudante seria um receptáculo vazio à espera de ser preenchida/o pela/o professora/or mediante a transmissão de seus conhecimentos. O uso da palavra, na perspectiva dialógica freireana, requer mais do que apenas falar algo para alguém, pois precisa constituir-se como um encontro e relação com outras/os sujeitas/os e não para as/os outras/os, destituída de alteridade. Por isso, segundo Freire (1987), o diálogo se constitui pelo amor, pela fé, pela humildade, em relações horizontalizadas, circulares, melhor dizendo, nas quais quem se comunica é ouvida/o, escutada/o.

Diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos, ou seja, “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo” (FREIRE, 1996, p.38), constitui-se um fundamento importante, sustentáculo de uma concepção de educação que se pretende progressista, que também se relaciona à necessária articulação entre a teoria e a prática na atividade e formação docente. Essa conexão constitui-se pela práxis, que tem como dimensões a ação, a reflexão e a ação transformadora. Nesse sentido, a práxis é um exercício de transformação do mundo e dos seres humanos. Ela está na base de seu “método”, cujos

elementos-chave incluem o uso de temas geradores para fomentar o diálogo e o aprendizado; e do exercício da práxis se originam os temas geradores. Nas palavras de Freire (1987, p.56), “investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.”

De modo diferente do que ocorre na educação tradicional, que se baseia em conteúdos preestabelecidos que não partem do conhecimento prévio da/o educanda/o, desconsiderando-o na maioria das vezes, os temas geradores partem da realidade. Eles seguem na direção de propulsar novos diálogos significativos para estudantes e professoras/es. Entretanto, em uma sociedade em que o diálogo passa a ser secundarizado, as consequências tendem a ser danosas. Sem a mediação da/o outra/o, sem a socialização de experiências que sejam imunes à lógica da/o detentora/or da verdade absoluta, a sociedade se divide e se torna alvo fácil das/os opressoras/es.

Outro princípio, que se relaciona a alguns já enunciados, é a necessidade do respeito aos diferentes grupos socioculturais existentes e aos saberes produzidos por eles, que fazem parte do universo dos primeiros contatos das/os estudantes, antes de irem para a escola. Assim, “A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. ‘Seu’ mundo, em última análise, é a primeira e inevitável face do mundo mesmo.” (FREIRE, 1992, p.86, grifo do original). De fato, para Paulo Freire, é fundamental reconhecer a identidade cultural das/os educandas/os de forma a considerar o respeito como essencial na prática educacional. Assim, quando o eu e o outro estão em diálogo constante, estão se transformando mutuamente pela troca; e é uma transformação que implica mudar contextos, condições de vida, formas de existir e de fazer ouvir, dentre outros pontos. Em outras palavras, ao se transformar, tomar consciência de si, a/o sujeita/o necessariamente transforma sua realidade. Conforme Freire (1992), a liberdade será alcançada, então, por meio da conscientização e da consciência crítica no exercício da práxis.

Na perspectiva de compreender o uno e o diverso, o eu e a/o outra/o em uma relação dialógica, faz-se importante enxergar as relações imbricadas entre o local e o universal numa relação ética e, ao mesmo tempo, dialética. “Creio que o fundamental é deixar claro ou ir deixando claro aos educandos esta coisa óbvia: o regional emerge do local tal qual o nacional surge do regional e o continental do nacional como o mundial emerge do continental.” (FREIRE, 1992, p.87, grifo do original)

Sustentamos assim, uma concepção de educação freireana em que os processos educativos trazem novos significados, tanto para a professora e a professor quanto para as educandas e os educandos. Como afirma Freire (1987, p.49), “Nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa.” Portanto, a dialogicidade ganha importância ao se conceder a liberdade de expressão às/aos participantes do processo de ensino e aprendizagem. O direito de refletir já não está restrito à/ao professora/or que repassa sua visão de mundo, sua realidade; mas esse direito abre espaço para que, também, a/o estudante possa conhecer e expressar sua realidade.

3 Reflexões sobre a reestruturação do PPP do curso de Pedagogia/Pontal: entre a proposta e a realidade

3.1 Reformulação e organização do PPP

O curso de Pedagogia do Campus Pontal foi criado em 2006⁶, por meio da Resolução 02/2006, “[...] do Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que aprovou também a criação da Unidade Acadêmica, então denominada Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP), atual Instituto de Ciências Humanas (ICHPO).” (PPP, 2019, p.8)

Seu primeiro Projeto Político Pedagógico, de base freireana, foi implementado em 2007, após 10 anos, o grupo de professoras e professores do curso iniciou um processo de reflexões mobilizando as/os estudantes, técnicas/os, egressas/os em diversos momentos por meio de oficinas, plenárias, questionários e outros, que contribuíram para que todas e todos pudessem se posicionar quanto ao curso que almejavam ter. Esse percurso, de mais de um ano de diálogo, de consenso, dissenso e disputas de posicionamentos epistemológicos contrastantes resultou em uma proposta que representava a identidade do conjunto de docentes e discentes. Todavia, o coletivo tomou a decisão de manter a base epistemológica freireana. Nesse sentido, alguns conceitos e concepções foram retomados, rediscutidos e reescritos, tais como as de ciência, ser humano, conhecimento, dentre outros. Sobretudo,

⁶ Modalidade: Presencial, Titulação conferida: Licenciada/o em Pedagogia, Carga horária: 3.380 horas, Duração do curso: Diurno integral: Tempo mínimo de integralização curricular: 4 anos (8 semestres) (cf. CNE/CP n. 02/2015), Tempo máximo de integralização curricular: 6 anos (12 semestres) - Noturno, Tempo mínimo de integralização curricular: 4,5 anos (9 semestres) (cf. CNE/CP n. 02/2015), Tempo máximo de integralização: 7 anos (14 semestres), Portaria de reconhecimento: nº 408 de 11 de outubro de 2011, Regime Acadêmico: Semestral, Ingresso: Anual, Turno(s) de oferta: Integral e Noturno, Número de vagas oferecidas: 75 vagas anuais, sendo 35 para Diurno Integral e 40 para o Noturno. (cf. Resolução 17/2009 do Conselho Universitário). (PPP, 2019).

assumimos o compromisso formativo e social de compartilhar o saber e transformar a realidade vivida.

Nesse movimento dialógico, ao propiciar condições para ouvir as/os sujeitas/os sociais envolvidas/os no processo, ou seja, as/os discentes, as/os docentes e técnicas/os, egressas/os, assumimos uma concepção de ciência ética, comprometida com a mudança do mundo pela e na ação transformadora da realidade, o que exige a clareza quanto aos fundamentos e princípios da relação entre pesquisa, extensão e ensino. Nessa mesma lógica, entendemos o ser humano, “como um ser que trabalha, que tem um pensamento/linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis.” (FREIRE, 1983, p. 25), ou seja, um ser que não é apenas natureza, mas que é capaz de construir sua própria história, se faz na e com a cultura, que está sendo, capaz de, intencionalmente, transformar o mundo, a realidade social, ou seja,

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. [...] Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu caminho que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os refaz também (FREIRE, 1992, p.91-97).

Considerando o ser humano inacabado e inconcluso, defendemos que o conhecimento não pode assumir a ideia de verdade absoluta, incontestável, a ser transferida, e imposta às/aos outras/os. Ao contrário, entendemos que é uma construção teórico/prática, dialética que leva à práxis transformadora, na qual os processos educativos tragam novos significados, tanto para a professora e professor quanto para as educandas e os educandos. Assim,

[...] na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (FREIRE, 1983, p.16).

Portanto, sob o pretexto de apresentar em síntese a essência que move todo o curso de Pedagogia em estudo, evidenciamos os princípios e os fundamentos que balizam o processo formativo no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, sobretudo em relação ao seu caráter político:

- i) a concepção dialógica de construção do conhecimento;
- ii) o respeito ao/à outro/ ao diverso/a;
- iii) a coerência entre a palavra e nossas práticas;
- iv) o princípio democrático;
- v) o respeito ao contexto cultural de cada pessoa e a compreensão do ser humano como fazedores de história.
- vi) a tarefa de ensinar como um trabalho profissional. (PPP, 2019, p.41)

Com base nesses princípios e fundamentos, o currículo do curso de Pedagogia/Pontal está organizado em três ciclos de formação: o primeiro é denominado de “Pessoas fazedoras de história” e abarca os três primeiros semestres letivos. O segundo, “Diálogos interculturais”, é composto pelo 4.º, 5.º e 6.º períodos. E o último ciclo, “Práxis transformadora”, congrega os últimos períodos de formação inicial. Destacamos ainda que, na estrutura do curso de Pedagogia, é realizado anualmente o Círculo de Cultura, no qual se promovem avaliações sobre o trabalho desenvolvido, retomam-se discussões coletivas, e realizam-se sínteses⁷ por ciclo de formação, oriundas das reflexões coletivas, provocadas por professoras e professores. Tomando como base o que Freire (1967) afirmou, assumimos que não há relação dialógica sem liberdade de propor mudanças, apresentar críticas, pois esse

[...] É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, [...], reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor”. (FREIRE, 1967, p.4, grifos do original)

Nessa direção, não há relações hierarquizadas e hierarquizantes, uma vez que todas/os participantes têm o que ensinar e aprender, têm muito o que dizer, sendo respeitadas/os e consideradas/os em sua condição de seres humanos, dotados de capacidades, que têm muito a contribuir com as reflexões e discussões no/do grupo. Por isso, “Uma pedagogia que estrutura seu círculo de cultura como lugar de uma prática livre e crítica não pode ser vista como uma

⁷ As sínteses se organizam pela compilação de posicionamentos contrários na análise de um tema.

idealização a mais da liberdade. [...]” (FREIRE, 1967, p.4). É preciso que a liberdade se constitua como uma prática cotidiana, na qual se (re)faça na relação entre docentes e discentes e entre os pares, na busca por justiça social, pela escuta da/o outra/o, e na compreensão de que é possível ser mais, rompendo com percepções que estigmatizam e inferiorizam. “E assim a visão educacional não pode deixar de ser ao mesmo tempo uma crítica da opressão real em que vivem os homens e uma expressão de sua luta por libertar-se.” (FREIRE, 1967, p.4)

3.2 Análise da proposta do curso de Pedagogia por ciclos de formação: Qual pedagoga/o queremos?

Considerando que a educação tem de ser baseada na comunicação a partir do diálogo entre professoras/es e estudantes e demais atores sociais envolvidos, direcionamos o processo pedagógico no curso de Pedagogia/Pontal para a libertação, processo no qual todos/as têm direito a dizer a sua palavra, a sua realidade e a sua concretude. É nesse sentido que a referida proposta se organiza, sendo necessário para tanto, que todas/os as/os envolvidas/os atuem coletivamente para que as possibilidades se transformem em condições reais de formação. Nesse contexto, entendemos que tratar sobre os ciclos de formação que sistematizam os componentes curriculares do curso de Pedagogia/Pontal contribui para identificar os fundamentos e princípios éticos freireanos que sustentam a formação inicial defendida.

3.2.1 Ciclos de formação: uma possibilidade dialógica para os componentes curriculares

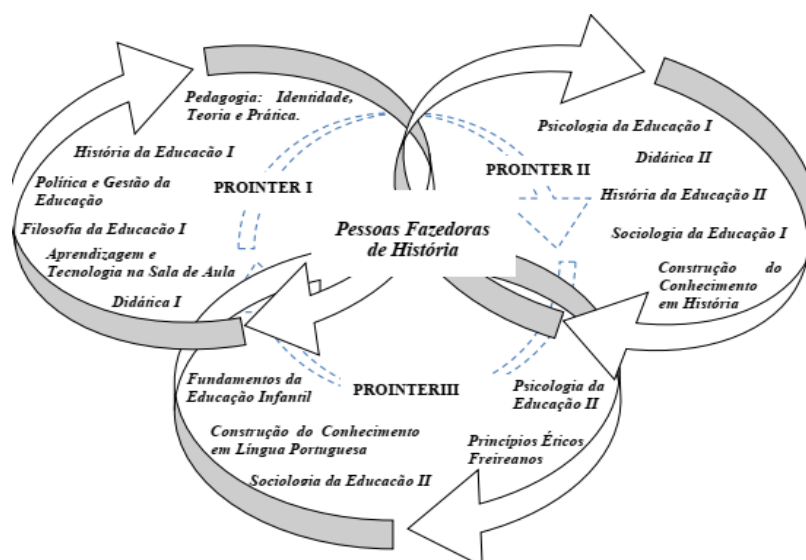
3.2.1.1 Primeiro Ciclo: Pessoas fazedoras de história

O Ciclo “Pessoas fazedoras de história” se refere aos três primeiros semestres letivos do curso de Pedagogia, e tem como objetivo fazer com que as/os estudantes e as/os professoras/es se reconheçam e se assumam como sujeitas/os mediadoras/es da transformação social, pois estas/es são construtoras/es e produtoras/es da sua própria história, da sua cultura individual e coletiva. Nessa perspectiva, as produções exclusivamente humanas são elaboradas dialeticamente, processo que é intencional e político, pois entendemos que, na educação, a neutralidade não existe; e, além disso, as/os sujeitas/os sociais que dele pertencem são seres inacabados. Portanto, o mundo histórico-cultural não está pronto; ao contrário, é transmutável e dinâmico.

Com base nesse pressuposto, intencionamos formar a/o estudante a partir de uma experiência pedagógica mais ampliada e transformadora, pois uma “prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. (FREIRE, 1997, p.38), de modo que nela o/a estudante se “perceba inserido/a em uma cultura que demanda ser criticada e construída de uma forma ainda melhor do que se pratica”. (PPP, 2019, p.54).

A Figura 1 demonstra a intenção de se estabelecer um movimento circular e dialógico entre as disciplinas propostas no Ciclo 1, de modo a estimular a criação cultural, o espírito científico e o pensamento crítico por meio das práticas de ensino, da pesquisa e da extensão, prioritariamente. Sendo assim, esperamos que a/o estudante reconheça-se como pessoa fazedora de sua historicidade cujas temáticas problematizadas são basicamente “os processos de construção histórico-sociais da educação, dos sistemas educacionais, das instituições escolares, do pensamento pedagógico e da profissão do/a docente e do/a gestor/a educacional” (PPP, 2019, p.54). No encontro dialógico com os diversos campos de saberes, dentre eles, a Filosofia, a Sociologia, a História e as Políticas da Educação, as metodologias e as didáticas, ensejamos que a/o estudante, a partir das discussões e de reflexões, construa e reconstrua a sua identidade.

Figura 1 - Componentes curriculares do Ciclo 1



Fonte: Elaborado pelo Núcleo Docente Estruturante - NDE do curso de Pedagogia.

3.2.1.2 Segundo Ciclo: Diálogos Interculturais

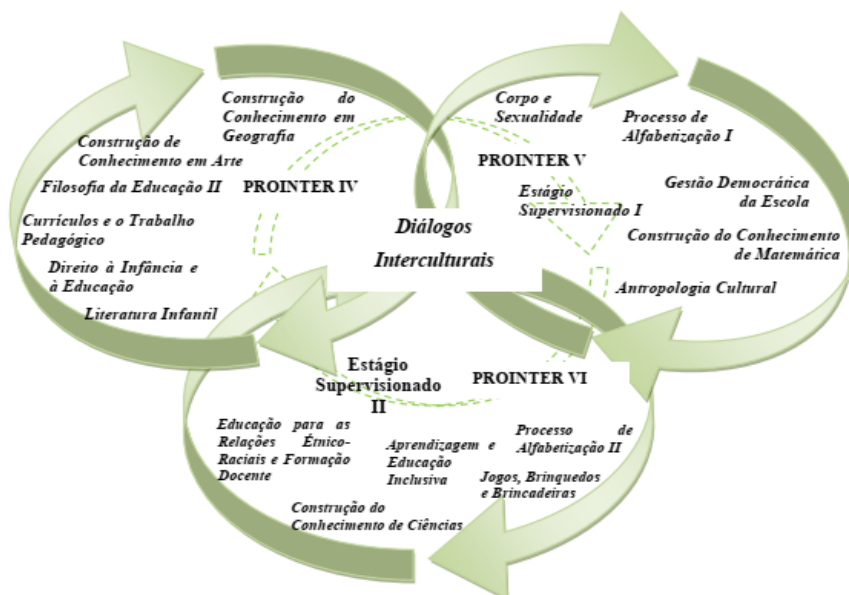
Este ciclo de formação intenciona promover o conhecimento crítico e dialético sobre o processo histórico de dominação colonial, que gerou e gera profundas marcas, e estão presentes no nosso cotidiano por meio das colonialidades que se constituem por modos de dominação fundantes da nossa sociedade “e [...] se manifesta constantemente nas instituições públicas, nas relações acadêmicas, nas relações de opressões, nas práticas das sociabilidades autoritárias, na memória, na linguagem, no imaginário social, na subjetividade e na forma que produzimos conhecimento”. (CRUZ, 2017, p. 15). Portanto, é necessário valorizar as diferentes formas de ser e de saber entre os/as estudantes de Pedagogia. As idiossincrasias vieram ao longo dos séculos sendo esquecidas, ou muitas vezes, veladas na sociedade em geral e, especialmente, nas instituições escolares.

É preciso registrar nesta reflexão que as diferenças culturais foram tratadas de forma hierarquizante, sobretudo a cultura dos povos colonizados, consideradas subalternas, como um legado do colonialismo. Em pleno século XXI, muitas formas de vida são desconsideradas por motivos como: idade, sexo, gênero, etnia/raça, nacionalidade, idioma, religião, condição socioeconômica, deficiência dentre outras, incorrendo nas desigualdades sociais. Nesse sentido, pensar as diversas identidades dos povos colonizados e não-colonizados, é questão *sine qua non* para a formação de pessoas fazedoras de sua própria história, comprometidas com a transformação social e com a defesa de uma escola que reconheça a todas/os em suas singularidades.

Desse modo, tratar as questões relacionadas às diferenças culturais no cotidiano escolar são fundamentais para a formação profissional da/o professora/or, pois, a escola é o espaço para os diálogos interculturais, para abordar e problematizar temas tratados neste Ciclo, tais como a globalização, o multiculturalismo, as questões identitárias, as novas formas de comunicação, as manifestações culturais e religiosas, diversas formas de violência e exclusão social contra grupos sociais específicos, que configuram novos e diferenciados cenários sociais, políticos e culturais (PPP, 2019). A Figura 2, também em um movimento circular, apresenta um compósito de saberes que dialogam entre si e possibilitam reflexões significativas sobre as interculturais e suas relações com os contextos sociais mais específicos, como as expressões culturais e as/os artistas locais e regionais, bem como a análise sobre as diferenças humanas, tendo em vista as características corporais, físicas, sexuais, sociais, etárias que fazem parte de toda a humanidade. Estas também singularizam as experiências e

vivências do/no mundo e revelam as pluralidades de vida, configurando a construção de conhecimentos profícuos e uma formação inicial mais potente.

Figura 2 - Componentes curriculares do Ciclo 2



Fonte: Elaborado pelo Núcleo Docente Estruturante - NDE do curso de Pedagogia.

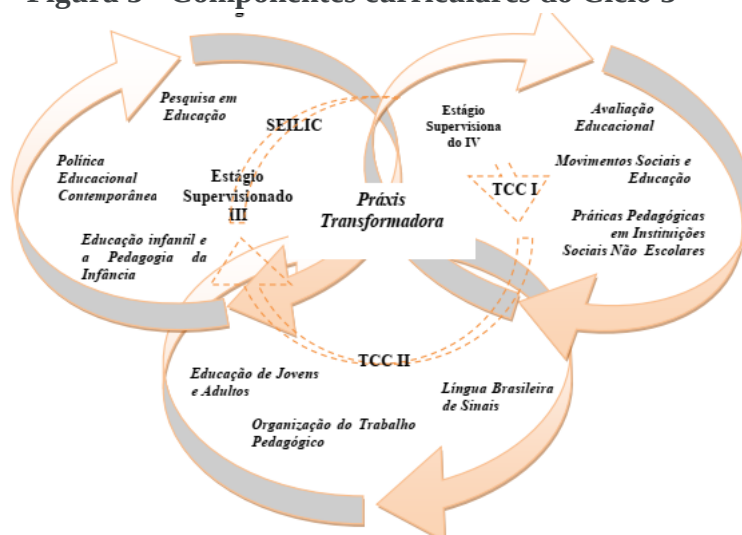
3.2.1.3 Terceiro Ciclo: Práxis Transformadora

O terceiro Ciclo, “Práxis transformadora”, tem como fundamento o fato de que as experiências vivenciadas no cotidiano da escola não podem seguir uma única forma organizacional, serem engessadas e imutáveis; ao contrário, precisam ser transformadas. Afinal, as/os sujeitas/os que compõem a totalidade da instituição são seres inconclusos, inacabados em busca da construção individual e coletiva, exercendo-se como pessoas fazedoras de sua própria historicidade e culturalidade, pois são seres sociais, políticos e diversos.

Nesta lógica, este Ciclo tem como objetivo proporcionar aos/às estudantes diversificadas experiências formativas em diferentes âmbitos, tanto em espaços escolares quanto não escolares, entendendo “a atuação do/a pedagogo/a em uma proposta que considera a totalidade e a complexidade do processo educativo; em uma perspectiva em que fazer-se e entender-se docente é um processo de contínuas e constantes mudanças, evidenciando seu inacabamento” (PPP, 2019, p.57).

O último Ciclo intenciona, por meio do conjunto de suas disciplinas, estimular problematizações, discussões, questionamentos e sínteses que se constroem e reconstruem dialeticamente que possam contribuir de forma efetiva para que “os/as discentes tenham condições de intervir nos locais onde convivem ao longo do curso, assim como naqueles em que atuarão profissionalmente.” (PPP, 2019, p.58). Basicamente, a problematização principal diz respeito a como teoria e prática se encontram muito especialmente no Estágio Supervisionado e no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Na Figura 3, visualizamos as disciplinas que dialogam entre si e com os demais ciclos buscando responder à pergunta: O que é ser educador?

Figura 3 - Componentes curriculares do Ciclo 3



Fonte: Elaborado pelo Núcleo Docente Estruturante - NDE do curso de Pedagogia.

Portanto, concebemos os ciclos formativos como possibilidades de encontros dialógicos e circulares, comunicações autênticas sobre temáticas, vivências, experiências, conhecimento científico e social, que, uma vez problematizados, provocados durante os Círculos de Cultura poderão produzir novos conhecimentos, novas sínteses; ou seja, em um movimento dialético, as conclusões, serão a base para uma nova tese. Do ponto de vista da execução dessa metodologia, os Ciclos têm sido fundamentais para a formação das/os estudantes e das/os professoras/es do curso de Pedagogia por ser provocadora, dialógica e investigativa e, além disso, desaguar no interior dos Círculos de Cultura como uma possibilidade transformadora da realidade. Sobretudo, uma oportunidade para ressignificar as disciplinas, suas respectivas ementas e práticas, desvelar as lacunas, as inconsistências e as

contradições. Nesse sentido, queremos reafirmar que o referido PPP está em constante transformação por ser problematizado em todos os espaços dialógicos possíveis dentro do curso e fora dele.

4 Considerações finais

Em síntese, os principais fundamentos e princípios que balizam, dão corpo e materialidade ao curso de Pedagogia/Pontal/UFU, são basicamente a concepção dialógica de construção do conhecimento; o respeito ao/à outro/ ao diverso/a; a coerência entre a palavra e a prática; o princípio democrático; o respeito ao contexto cultural de cada pessoa; a compreensão do ser humano como fazedor de história; e a tarefa de ensinar como um trabalho profissional.

É no diálogo que reconhecemos a/o outra/o, sua cultura e sua historicidade e, ao mesmo tempo, damos voz aos homens e às mulheres do mundo e no mundo como seres inacabados. Assim, uma formação que se fundamenta no diálogo é crítica e gera criticidade. Se reconhecemos a/o outra/o, provavelmente, reconhecemos e respeitamos o que é diverso. Portanto, o papel da/o educadora/or é dialogar com ele sobre a sua e a nossa visão do mundo.

É importante que tenhamos coerência entre a palavra e as nossas práticas, pois é entre o que fazemos e o que dizemos que nos encontramos com os/as outros/as. Nesse sentido, na formação docente, diminuir a distância entre o nosso falar com o nosso fazer, reafirma que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo” (FREIRE, 1997, p. 38).

Já o princípio democrático, é constituído por uma sociedade de direitos, de humanização, de compreensão da/o sujeita/o e da/o outra/o e implica no diálogo. Todavia, “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.” (FREIRE, 1997, p.17). Por isso, o respeito ao contexto cultural de cada pessoa e a compreensão do ser humano como fazedor de história permite ver a/o outra/o na sua historicidade e culturalidade como sujeito/a. E, diante desta formação, a tarefa de ensinar às/aos estudantes configura-se como um trabalho profissional valioso.

Por fim, do ponto de vista da metodologia utilizada para que teoria e prática se articulem durante o processo de formação inicial do/as estudantes do curso de Pedagogia, os Ciclos de Formação, em um movimento circular, conseguem abarcar as diversas temáticas que compõem o futuro campo de atuação da/o pedagoga/o. Os Ciclos proporcionam a problematização sobre a própria formação, o que leva à reflexão constante, inerente ao

movimento dialético, provocando sínteses/teses sobre a construção do curso e de si mesmas/os como futuras/os profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento Descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação de pensamento crítico. In: CRUZ, Valter do Carmo (Org.); ARAUJO, Denílson Araújo de (Org.). *Geografia e Giro Descolonial: Experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, p. 15-36.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico* [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA (PPP). Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2019. Disponível em: https://www.sei.ufu.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?yPDszXhdoNcWQHJaQLHJmJIqCNXRK_Sh2SMdn1U-tzOTpmmgT33WB409R1o6PfBT2L9wc_C_9l07RwQK7iBcpv00Kr4zz6VOvvJlqfMbG8J_RACwiP2VFvndQltw_eAn. Acesso em: 21 nov. 2021.

VILELA, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela; OLIVEIRA, Lúcia Helena Moreira de Medeiros. Ética - impactos na formação e atuação do professor na contemporaneidade. *Itinerarius Reflectionis* - Revista Eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí - UFG. v.1, n.12, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/20383/19223/159312>. Acesso em: 21 nov. 2021.